

A FILOSOFIA E O PAPEL DO HISTORIADOR: UMA IMPARCIALIDADE DIANTE DOS FATOS HISTÓRICOS

Antonio Cesar Barreto Lima

Graduado em Pedagogia, Especialista em História Regional pela UFRR,
Pesquisador Institucional do IFRR.
cesarpedago@ifrr.edu.br

Elizabeth Dantas de Medeiros

Graduado em Pedagogia, Especialista em História Regional pela UFRR,
Pesquisador Institucional do IFRR.
cesarpedago@ifrr.edu.br

RESUMO

Este artigo faz uma análise filosófica sobre a importância da História como resgate da memória cultural de um povo. Nesse contexto, destacamos também a importância do papel do professor de história na análise do fato histórico e compreensão da cultura. A figura do historiador tem uma função estratégica na atual sociedade globalizada e pós-moderna, por trabalhar com a análise, confrontação, intervenção. Podendo ainda ser consultor de empresas e em muitas outras instituições que se preocupam com o resgate de sua própria história. Portanto, a visão do historiador sobre o passado é de grande importância para a compreensão da realidade atual, e para entendermos o processo de influência das sociedades primitivas sobre as atuais.

PALAVRAS-CHAVE:

historiador.cultura.globalização.pós-modernidade.filosofia.

ABSTRACT

This paper analyzes philosophically the importance of history as recovery of people's cultural memory. In this context, one also points out the importance of the History teacher's role in the analysis of the historical fact and culture comprehension. The figure of the Historian has a strategic function in the current, globalized and post-modernist society once he works upon the analysis, contontation and intervention. Still, he can also be a business consultant and in many other institutions which worry about rescuing its own story. Thus, the Historian's view, concerning the past, is very important to understand both the present-day reality and the influence process of ancient societies over the present ones.

KEYWORDS:

Philosophy. Historian. culture. globalization. Port modernist

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se apresenta como uma reflexão filosófica sobre o papel do historiador, sua importância quando descreve e analisa os fatos históricos da humanidade. Tentando estabelecer relações com a sociedade contemporânea, mostrando assim suas contribuições para a própria evolução social do pensamento humano.

Os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos. Podemos compreender, portanto, que em diferentes tempos e espaços são configuradas inúmeras formas de vermos e lermos a natureza, e de estabelecermos relações com ela.

Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros e, ainda, nossas escolhas cotidianas, tudo isso, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura. Somente compartilhando os significados que circulam pelas sociedades, seja através, das relações de amizade e vizinhança que estabelecemos, dos programas que assistimos na televisão, dos cursos que fazemos, das revistas e livros que lemos, das notícias que escutamos no rádio; através dessas variadas relações que constituímos cotidianamente é que vamos aprendendo a tomar algumas decisões, a ver e a ler de determinada forma, as coisas do mundo e a estabelecer relações com os outros.

Neste Sentido, vemos que é na cultura, neste espaço de circulação e de compartilhamento de significados, que vamos estabelecendo nosso lugar no mundo. Esta nossa inserção na cultura, no momento histórico em que vivemos, nos faz ver e estabelecer relações com a natureza de determinadas formas. Nesta direção, podemos nos perguntar: há uma única maneira de narrar, ler e ver a sociedade e a natureza de maneira geral?

Se assumirmos a importância da história e da cultura nos modos como nos relacionamos com a natureza, responderemos negativamente a esta indagação e defenderemos como já nos alertou Wortmann (2001), que há uma multiplicidade de representações de natureza circulantes na cultura implicando em modos diferenciais de estabelecimento de relações dos humanos com a mesma. Contudo, precisamos estar atentos para não pensarmos que cada indivíduo, solitariamente através de sua consciência, seja capaz de construir sua própria idéia de natureza. Tais idéias são definidas cultural e historicamente.

Uma outra questão que precisamos considerar é que, em um mesmo momento histórico, diferentes representações culturais de natureza circulam pelas sociedades e, muitas vezes, contestam-se mutuamente. Sem maiores detalhes, podemos ver explicitamente essa multiplicidade de significações, como por exemplo, em torno da questão dos produtos transgênicos.

Há diferentes modos de significá-los e, tais maneiras, dizem respeito aos diversos interesses em jogo nessa disputa. Em resumo, sabemos que há uma multiplicidade de formas de ver, ler, narrar e se relacionar com a natureza. Estas diferenças são construídas histórica e culturalmente. E mais, não há uma única forma também quando focamos um mesmo período ou uma aparente conformação cultural, o que não diminui em nenhum momento a importância da História como ciência e do historiador como agente que transmite e interpreta o fato histórico.

DESENVOLVIMENTO

1. A QUESTÃO DA VERDADE E O FATO HISTÓRICO

Vivemos na era da globalização, da sociedade em rede, quando a ciência vai refazendo o mundo e a onda de transformação alcança os pontos mais delicados da existência humana, só quem vive à margem da vida, sem interesses e sem paixões, sem amores e sem ódios, pode julgar que dispensa uma filosofia.

A filosofia é uma das âncoras fundamentais na construção do conhecimento e na história da sociedade. Partimos da concepção de filosofia de grupo que luta corajosamente para propagar-se, conforme o tipo de experiência de cada indivíduo. A vida vai, porém, assumindo aspectos mais gerais, dia a dia, e os predicados da filosofia irão também, assim, dia a dia, se aproximando.

À medida que se alargam os problemas comuns, mais vivamente sentida será a falta de uma filosofia que nos dê um programa de ação e de conduta, isto é, uma interpretação harmoniosa da vida e das suas perplexidades.

Está aí a grande intimidade entre a filosofia e a formação do professor de história dentro de uma perspectiva educacional. "Se educação é o processo pelo qual se formam as disposições essenciais do homem - emocionais e intelectuais - para com a natureza e para com os demais homens, filosofia pode ser definida como a teoria geral da educação". Filosofia se traduz, assim, em educação, e educação só é digna desse nome quando perpassada de uma larga visão filosófica.

Estamos acostumados a dizer que não devemos acreditar em ninguém. Na nossa idéia, há alguém sempre nos enganando: políticos, imprensa, igrejas, negociantes e mesmo nossos amigos. A noção de que vivemos sob o erro e não sob o acerto, e que tomamos o falso pelo verdadeiro, é tipicamente oriunda das filosofias que emergiram com a divulgação dos textos religiosos judaico-cristãos, dos textos dos filósofos modernos e, enfim, hoje em dia, do senso comum alimentado pelas ciências – em especial as ciências humanas.

A idéia de que estamos mais distantes da verdade do que do falso e mais perto do erro do que do acerto deve muito à noção de pecado original e também aos textos das ciências, em especial o marxismo – que diz que “o capitalismo” nos coloca sob inúmeras ideologias – e o freudismo – que nos diz que é mais o nosso subconsciente que fala do que o nosso próprio eu consciente. Eis a trilogia que nos deu bastante alimento para acharmos que talvez venhamos a gastar uma vida sem saber direito o que é verdade e o que é correto.

Mas o que seria a verdade? Verdade é o êxito de um procedimento cognoscitivo, no qual se constrói uma correspondência, por mais difícil e esquivada que seja a verdade daquilo que oferecem os testemunhos de uma época, pois concordando com Aristóteles, “Negar aquilo que é e afirmar aquilo que não é, é falso, enquanto afirmar o que é e negar o que não é, é a verdade” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, IV, 7, 1011 b 26 ss., V, 29, 1024 b, 25). Também é verdade

que apreender a realidade a partir das fontes é um trabalho difícil. O historiador vive com esse problema diante de si (DUBY, 1993: 34).

Um conhecimento é verdadeiro na medida em que seu conteúdo concorda com o objeto intencionado. Portanto, para os estudos históricos, o conceito de verdade deve ser um conceito relacional, quanto maior o número de comparações evidenciais mais preciso será o resultado.

Embora para os historiadores não seja possível reconstituir completamente o processo analisado¹, a correspondência é obtida, ou boa parte da realidade é revivida, através da confrontação dos testemunhos da época.

Nesse sentido, o retorno à verdade tem sido defendido por vários historiadores que, preocupados com a devastação do relativismo e a conseqüente negação do *fato* e do conceito de *verdade*, vêm no resgate deste conceito uma luz no fim do túnel para a recuperação de um saber histórico pleno de sentido². Pois segundo Brook (s/d:16) “...a principal responsabilidade de um estudioso, a sua verdadeira função, ser a perseguição da verdade”. O historiador, indo além de sua capacidade de compreensão e avaliação de uma época, tem a possibilidade de conhecer as estruturas desta mesma época independentemente da consciência que os personagens do período tinham delas, estrutura aqui entendida como uma organização, coerência, relações humanas, uma realidade que o tempo prolonga e obstrui o fluxo da história. Conhecer a estrutura de um período é perceber os sustentáculos de uma determinada sociedade.

O olhar do historiador para o passado deve ser desafiador, não no sentido de querer afirmar que ele nunca existiu, mas de revelar que os critérios estabelecidos pelo homem para relatar suas experiências concretas dependem de uma ótica pessoal que, por sua vez, torna o conceito de verdade e o estatuto do fato histórico discutíveis ante a pluralidade do olhar humano, pois a história não acabou porque o homem não acabou, não se pode subtraí-lo à História.

As sociedades humanas possuem uma existência objetiva. O historiador ainda analisa evidências, fatos e qualquer material deixado pelo homem. Portanto, fatos não podem ser inventados. A História trabalha com a análise, confrontação de evidências escritas e interpretação, não com ficção.

1 CF. BLAKE, Christopher. “Poderá a História Ser Objectiva?”. In: GARDINER, Patrick (org.). *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

2 CF. BÉDARIDA, François. “As responsabilidades do Historiador Expert”. In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (org.). *Passados recompostos. Campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

Nesse entendimento, possuir conhecimento não é o bastante para a transformação. Ser detentor de um conhecimento e não utilizar-se dele como um instrumento de modificação do status quo, é deter um conhecimento que não tem sentido. O conhecimento só é válido quando permite a ação.

Aprender o conceito de filosofia³ e sua importância no processo educacional no decorrer da história da sociedade é que vai transformar esse conhecimento em instrumento de ação. Gramsci dá a esse poder da filosofia um "valor histórico", a filosofia da práxis marxista, acreditando que "todos os homens são filósofos":

(...) um movimento filosófico só merece este nome na medida em que (...), no trabalho de elaboração de um pensamento superior ao senso comum e cientificamente coerente, jamais se esquece de permanecer em contato com os "simples" e, melhor dizendo, encontra nesse contato a fonte dos problemas que devem ser estudados e resolvidos. Só através deste contato é que a filosofia se torna "histórica", depura-se dos elementos intelectuais de natureza individual e se transforma em "vida" (GRAMSCI *apud* MOCHCOVITCH, 1990, p. 40-41).

Não basta, pois, ao historiador deter o conhecimento daquilo que pensaram os filósofos se, ele próprio, não cria suas questões, colocando-as em harmonia com a realidade ao seu redor.

2. O PAPEL DO PROFESSOR DE HISTÓRIA

O historiador é uma peça fundamental em todo tipo de cultura. Ele retira e preserva os tesouros do passado, interpreta a História, aprofunda o conhecimento do presente. Um povo sem história e sem historiador, é um povo sem memória.

A ligação do cotidiano está tornando a História cada vez mais atraente e importante para o grande público. Atualmente não é só com países, guerras e heróis que os pesquisadores se preocupam. Nos últimos anos, muitos deles começaram a pesquisar a História do vinho, das mulheres, dos bairros, dos movimentos sociais etc. Na profissão do Historiador, a curiosidade de descobrir a origem das coisas tem sido fundamental.

3 É "a arte de formar, inventar, fabricar conceitos" (Deleuze, Guatarri, 1992, p. 14).

Particularmente no Brasil, onde os males da educação são tantos, o professor de história de posse do conhecimento filosófico, poderia ter uma importante contribuição na busca de soluções para os males da educação.

Neste sentido, a Universidade é um lugar próprio da racionalidade técnica, onde os diversos saberes deveriam ser colocados em discussão conscientemente comprometido com a realidade histórica a que está inserido o professor pesquisador.

Para Freire (1979, p. 19). "O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas 'águas' os homens verdadeiramente comprometidos ficam 'molhados', ensoçados".

Nesse sentido, o historiador estará não só fazendo história, mas também sendo protagonista dela. A Filosofia tem um papel fundamental que é o de permitir com que os estudantes possam pensar a realidade de forma original e criadora. Assim sendo, deve servir de incentivo ao estudo e à leitura, posto que o "ato de estudar é uma atitude frente ao mundo" (FREIRE, 1987, p. 11).

Filosofar sobre educação é buscar saber sobre fenômenos educativos. O acúmulo deste saber permitirá ao professor pesquisador tentativas de respostas às questões emergidas. Ou, como sugeria Paulo Freire, de captar o mundo, de forma consciente, e transformá-lo.

Portanto, a universidade deve assumir esta identidade através de uma reflexão nova e não reproduzir o pensamento de outros. Neste sentido, o professor pesquisador deve ser um mediador do surgimento de potencialidades da inteligência, como mediador, descaracterizaria o poder não democrático que a prática permite e os alunos seriam os sujeitos-agentes de seu saber e da sua história. E assim, a busca do saber partiria deles como um desejo e não como uma imposição.

Por que então, não elaborar uma didática que permita ao homem sair de sua condição de homem-objeto e assumir sua função de homem-sujeito. Penso que por questões políticas alheias aos avanços da ciência pedagógica, representado pela classe dominante do país, não interessa a formação de pensadores críticos e criativos que possam colocar em risco o status quo. Os professores pesquisadores, muitas vezes de forma inconsciente, cumprem o papel de impedir o surgimento de mentes criativas e de potenciais filosóficos, e representam, para o Estado, a propaganda ideológica que garante a permanência e o conformismo das idéias desgastadas.

A filosofia, enquanto filosofia da práxis tem, então, um papel fundamental de mudança. E o que vai permitir o assumir desta característica é, antes de tudo, a mudança da *práxis* do historiador.

A tarefa do professor de História é, portanto, a de incentivar nos estudantes esse amor pela filosofia, pelo ato de refletir e pensar, pelo apreço à busca de suas próprias verdades. Assumindo tal atitude, o professor pesquisador, permitirá com que a filosofia seja finalmente tratada pelos alunos como um instrumento do conhecimento, como queria Gramsci, que propiciará a mudança do status quo, pois, como nos diria Nietzsche, "quem impede a produção e a perpetuação dos filósofos são os próprios filósofos universitários, que vivem do Estado" (NIETZSCHE *apud* DIAS, 1991, p. 105). E ainda segundo Marx, 1974:17, "Os homens fazem sua própria história, mas não fazem como querem, não a fazem sob a circunstância de sua escolha e sim sob aquelas que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado".

Parece-nos que um primeiro apontamento a ser levantado estaria ligado à efetiva atuação do homem na construção do mundo que o cerca, na transformação de sua sociedade. De fato, quando falamos em História, estamos a falar da história dos homens e de suas construções sociais, da sua atuação na sociedade. A História nos ajuda a entender que o homem tem uma ação concreta: o que temos atualmente foi construído e não fruto exclusivo do acaso. Todos, querendo, sabendo ou não, fazemos parte da história. Ao mesmo tempo somos e fazemos história.

A despeito da relativa diversidade nos estudos históricos, defendemos que o historiador do novo milênio, para entender as relações que historicamente se estabeleceram entre os objetos obscuros, partam para um trabalho coletivo, um trabalho em equipe com o envolvimento de outras ciências.

Cabe ressaltar, que o trabalho em equipe com outras ciências, proporcionará ao historiador resgatar valores como união, respeito, cooperação, participação, envolvimento e comprometimento. Esse resgate é fundamental, pois a sociedade como um todo está num processo quase cruel de individualismo. Segundo VYGOTSKY, 1987:21:

Ao ser capaz de imaginar o que não viu ao poder conceber o que não experimentou pessoal e diretamente, baseando se em relatos e descrições alheias, o homem não está encerrado no estreito círculo da sua própria experiência, mas pode ir muito além de seus limites apropriando-se, com base na imaginação, das experiências históricas e sociais alheias.

Desta Forma, a história é um campo de conhecimento sempre em construção. Para tal urge perfilar cada vez mais corajosamente uma história aberta capaz de integrar e usufruir sem preconceitos das contribuições de outras áreas de conhecimento que possam levá-la mais longe na percepção do homem e do seu percurso através do tempo. A história joga o seu futuro precisamente nesta atitude universal de saber aceitar e lidar com os métodos e conteúdo das outras ciências humanas e sociais.

Ser historiador é repudiar a falsa segurança, a certeza tranqüila; é nunca renunciar a um íntimo recomeço, jamais desertar da obrigação de um perpétuo reajuste fundamentado que responda a necessidades novas de inteligibilidade. O historiador tem hoje, como nunca tivera até agora, a consciência de não criar para a eternidade. Só há história do imperfeito, do inacabado, do que tende incansavelmente a superar-se. Na medida em que é possível restituí-lo, o "passado" que é ainda presente, sempre se reconstrói⁴.

A História da Ciência é feita por seres humanos e se constitui em uma reconstrução de fatos e contribuições científicas que ocorreram em períodos diferentes do nosso. Sendo assim, possibilita uma compreensão mais completa da Ciência e uma formação mais crítica e menos dogmática.

Não podemos mais pensar em um professor pesquisador abstrato, genérico, não podemos mais acreditar de maneira ingênua que a formação dos professores, neste caso o historiador, aconteça somente nos espaços destinados a esse fim. Cada vez fica mais claro que os professores, mulheres e homens inacabados, contraditórios e multifacetados com histórias pessoais forjadas nas relações que estabelecem com o outro, a cultura, a natureza e consigo mesmo fazem escolhas, criam-se e recriam-se encontrando formas de crescer e de se exercer profissionalmente. Significa repensar a concepção de educação, de história e de filosofia e o repensar o papel, o perfil, a função social do educador. Significa repor nosso ofício em outros patamares, ou ressignificar pensamentos, valores, sentimentos, competências, práticas e capacidades que situe o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores de história, ao longo dos diferentes ciclos da sua vida.

Em função da necessidade de atender a estes papéis, o historiador precisa se constituir no profissional reflexivo e da reflexão na ação, tendo a reflexão

⁴ VILHENA, Vasco de Magalhães. *Filosofia e história*, Separata do capítulo publicado em *Panorama do pensamento filosófico*. Lisboa: Cosmos, 1956. p.181-2.

como fundamento de suas práticas, considerando-se que aquilo que o historiador pensa sobre educação determina o que o professor de história faz em suas práticas pedagógicas. Perrenoud confirma esta afirmação:

A autonomia e a responsabilidade de um profissional dependem de uma grande capacidade de refletir em e sobre sua ação. Essa capacidade está no âmago do desenvolvimento permanente, em função da experiência de competências e dos saberes profissionais.

Por isso, a figura do profissional reflexivo está no cerne do exercício de uma profissão, pelo menos quando a consideramos sob o ângulo da especialização e da inteligência no trabalho. (2002, p.13)

Com o intuito de refletir sobre sua ação o professor de história precisa ter a pesquisa como constante fonte de produção de seu saber na docência e a partir dela. Pesquisa constitui-se em atividade caracterizada por ser dinâmica, investigação do real, produção efetiva de saberes. Assiduamente trabalhando, auxiliado por seu grupo de colegas-professores, o professor vai aprendendo não só sobre o assunto de seu interesse, mas passa a tornar-se mais autônomo na pesquisa. Constituir-se pesquisador é a diferença entre um professor capaz de praticar a docência e refletir sobre sua prática e um professor alienado em sua própria prática, reproduzindo modelos sem refletir, agindo a partir de pressupostos alheios à sua realidade e ao seu fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das transformações mundiais registradas em ritmos cada vez mais acelerados, diante da renovação das “permanências”, dos valores e ações do homem, diante do resgate do tempo e do espaço, a escrita da história depara-se com um novo desafio e uma feliz proposta, disposta a abordar as mais diversas intervenções do homem.

Portanto, conhecimento é o grande capital da humanidade. Não é apenas o capital da transnacional que precisa dele para a inovação tecnológica. Ele é básico para a sobrevivência de todos, por isso ele não deve ser vendido ou comprado, mas disponibilizado a todos. Esta é a função das instituições que se dedicam ao conhecimento, apoiadas nos avanços tecnológicos. Esperamos que a educação do futuro seja mais democrática, menos excludente. Esta é ao

mesmo tempo nossa causa e nosso desafio, infelizmente, diante da falta de políticas públicas no setor, acabaram surgindo “indústrias do conhecimento” que mercantilizaram a educação, prejudicando umas possíveis visões humanistas, tornando-a instrumento de lucro e de poder econômico.

Neste contexto de impregnação do conhecimento cabe a educação integrada com a filosofia: amar o conhecimento como espaço de realização humana, de alegria e de contentamento cultural; cabe-lhe selecionar e rever criticamente a informação; formular hipóteses; ser criativa e inventiva; ser provocadora de mensagens e não pura receptora; produzir, construir e reconstruir conhecimento elaborado. E mais: sob uma perspectiva emancipadora da educação, a escola e a filosofia têm que fazer tudo isso em favor dos excluídos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. A. Marques de. "A escrita da história: questões de teoria e de problematização", in *Clio*, v.5, 2000, p.17.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Lisboa: Edições 70.

BÉDARIDA, François. “As responsabilidades do Historiador Expert”. In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (org.). *Passados recompostos. Campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BLAKE, Christopher. “Poderá a História Ser Objectiva?”. In: GARDINER, Patrick (org.). *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

BROOK, Christopher. *O casamento na Idade Média*. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?*. Rio de Janeiro: 34, 1992. 279 p.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 1991. 117 p.

DUBY, Georges. *A História continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Editora UFRJ, 1993.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 79p. _____ . Considerações em torno do ato de estudar. In: Ação cultural para a liberdade. p. 9-12, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERBI, Antonello. O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GOODMANN, Nelson. *Modos de fazer mundos*. Porto: Edições Asa, 1995.

HESSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1994.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*: e outros textos escolhidos. /trad. José Carlos Bruni In: Os pensadores (coleção). São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MOCHCOVITCH, Luna Galano. Gramsci e a escola. São Paulo: Ática, 1990. 80 p.

PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre, Artmed, 2002.

VILHENA, Vasco de Magalhães. *Filosofia e história*, Separata do capítulo publicado em *Panorama do pensamento filosófico*. Lisboa: Cosmos, 1956. p.181-2.

VYGOTSKY, L.S. Lectures on Psychology. The collected works of L.S. Vygotsky. Vol.I. Problems of General Psychology. New York: Plenum Press, 1987. [Original de 1932]

_____. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984. [Original de 1929]

WORTMANN, Maria Lúcia C. Da inexistência de um discurso unitário para falar da natureza. In: SCHMIDT, Sarai. A educação em tempos de globalização. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.